



## A PESQUISA HISTÓRICA A PARTIR DE ARQUIVOS DE IMPRENSA: O INÍCIO DA OCUPAÇÃO FRANCESA NA SÍRIA NO NOTICIÁRIO DO CORREIO DA MANHÃ

### HISTORICAL RESEARCH FROM PRESS ARCHIVES: THE BEGINNING OF THE FRENCH OCCUPATION IN SYRIA IN THE NEWSPAPER “CORREIO DA MANHÃ”

Leandro Martan Bezerra Santos\*

**Resumo:** Este artigo objetiva apresentar o início do processo de ocupação da Síria pela França, através do estabelecimento de um mandato francês na região, ocorrido em consequência da fragmentação do antigo Império Turco-Otomano após o término da Primeira Guerra Mundial. Para tanto, foram selecionadas notícias e crônicas de trinta e sete edições do jornal Correio da Manhã, escolhidas dentre mais de quatrocentas menções ao termo “Syria” nas páginas deste periódico do Rio de Janeiro no ano de 1920. Com documentos obtidos a partir de pesquisa e análise no acervo da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional brasileira, este trabalho sugere um caminho metodológico para os trabalhos de historiadores que utilizam e buscam ferramentas digitais de pesquisa.

**Palavras-chave:** História da imprensa brasileira. Ocupação francesa na Síria. Pesquisa em acervos digitais.

**Abstract:** This paper aims to present the beginning of the process of occupation of Syria by France, through the establishment of a French mandate in the region, which occurred as a result of the fragmentation of the old Turkish-Ottoman Empire after the end of the First World War. To this end, chronicles and news from thirty-seven editions of the newspaper Correio da Manhã were selected, chosen from more than four hundred mentions of the term “Syria” in the pages of this Rio de Janeiro journal in 1920. Using documents obtained from the digital collection of the Brazilian National Library, the paper suggests a methodological path for the works of historians seeking digital research tools.

**Keywords:** French occupation in Syria. History of the Brazilian press. Research in digital collections.

\* Mestrando em Arqueologia na Universidade de São Paulo (MAE/USP), onde realiza pesquisas com bolsa CAPES. Bacharel em Ciências Sociais pela Fundação Getúlio Vargas (CPDOC/FGV), com formação complementar em Relações Internacionais no Mundo Contemporâneo.



## Introdução

Ao longo da última década, a Síria tem frequentado as manchetes mundiais em razão da violenta guerra civil existente no país desde o ano de 2011, conflito que, dentre outros problemas sociais, desencadeou um enorme fluxo de refugiados e possibilitou o aumento da capilaridade de células de grupos terroristas, especialmente em áreas do seu território que se mantiveram fora do controle das instituições estatais sírias. Nove décadas antes do início da atual crise humanitária, porém, o país já experimentava transformações que se converteriam em outros anos de conflito: o processo de separação do Império Turco-Otomano e a consequente ocupação de seu território pelos franceses, culminando em uma disputa pelo comando político do país e fomentando a luta pela independência completa da região.

O objetivo deste trabalho de pesquisa é compreender, através de registros de imprensa da época, como se deu na esfera política o processo de separação dessas áreas do antigo império Turco-Otomano – que correspondem aos atuais Líbano, Síria e Turquia (província de Hatay), e compuseram o chamado *mandato francês* sobre o território (ZAHREDDINE, 2013). Para tanto, abordam-se as reivindicações das lideranças políticas sírias e as justificativas utilizadas pelos governantes franceses para a expansão imperialista na região que passava a ser ocupada, além de ser possível verificar como uma parcela da população brasileira leitora de periódicos teve acesso ao desenrolar dos acontecimentos.

O jornal escolhido para essa consulta foi o Correio da Manhã, periódico extinto que teve sede e circulação no Rio de Janeiro, então capital do país, com acervo bem preservado e de fácil e organizado acesso para quem o pesquisa. Soma-se a isso o êxito da publicação em agregar notícias sobre política internacional de diversos correspondentes mundo afora, o que a torna uma proveitosa fonte de discursos oficiais e dos bastidores das decisões políticas europeias, fundamentais para se compreender, além dos pormenores e do jogo de forças por trás das ações que influenciaram na formação do Estado sírio, como a sociedade carioca se informava sobre o tema.

Sobre o jornal Correio da Manhã, Eduardo Chammas nos esclarece que:

Ele fora o matutino de maior circulação até o final dos anos 1950, quando foi ultrapassado pelo JB (Jornal do Brasil). O jornal surgiu em 1901, fundado por Edmundo Bittencourt, e caracterizou-se no seu próprio discurso como um jornal de oposição combativo e crítico aos poderes estabelecidos da República. Em seu artigo de apresentação, essa posição ficou marcada



inclusive na crítica à neutralidade e na defesa do “jornal de opinião” (CHAMMAS, 2012, p. 28, grifo nosso).

Nas considerações de Laura Teodoro e Renata Neiva, em trabalho que utilizou como objeto de estudo o caderno feminino do Correio da Manhã, é possível ter noção do poder de circulação e da influência alcançada pelo jornal:

Apesar de ter alcance nacional, o periódico tinha como principal público a classe média do Rio de Janeiro, chegando, em seu auge, a tiragens superiores a 200 mil exemplares por dia. Ao longo do tempo, passou a se destacar pela estética inovadora contida em suas páginas, valorizando ilustrações, fotos e textos com forte carga emocional (TEODORO; NEIVA, 2015, p. 2).

O periódico iniciou suas atividades na data de 15 de junho de 1901, com edições diárias que traziam quatro ou seis páginas de conteúdo em seu primeiro ano de circulação. À altura do recorte temporal utilizado nesta pesquisa, o ano de 1920, a publicação já havia ampliado seu escopo temático, com edições que variavam entre dez e vinte páginas e traziam, em suma, notas políticas, econômicas e comerciais, anúncios que iam de serviços médicos a transportes marítimos, propagandas de produtos e lojas em geral, registros sociais e policiais, folhetins literários, comentários sobre teatro e esportes e a programação dos cinemas, além de seu grande destaque, o amplo noticiário internacional, que rotineiramente tomava a primeira página com manchetes trazidas pelos serviços de correspondentes estrangeiros.

A pesquisa para a produção deste artigo foi realizada a partir da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, instituição que guarda a coleção de exemplares do Correio da Manhã. A busca pelo termo “Syria” na ferramenta (assim se escrevia o nome do país à época) - dentre incontáveis resultados diversos aos interesses para a discussão, tais como notas comerciais sobre o valor do câmbio da moeda síria e afins - resultou num total de quatrocentas e vinte e cinco menções, consideradas apenas as ocorrências do ano de 1920.

Após a leitura e triagem de todo esse material, trinta e sete edições do jornal foram selecionadas como fontes primárias para guiar a presente análise, a partir das menções ao termo com algum grau de relevância para o escrutínio dos episódios históricos relatados, a saber: declarações à imprensa de políticos e militares; relatos noticiosos; transcrições de sessões legislativas de vários países; e artigos de opinião com comentários sobre a situação abordada.

Refletindo em sua dissertação de mestrado sobre a escrita do passado e a formação do presente a partir do uso de ferramentas tecnológicas no fazer histórico, Carla Lisboa Porto nos esclarece que:



Com o aparecimento de novos instrumentos de pesquisa nas últimas décadas foi possível estudar novos objetos, por meio de novos métodos, com enfoques diferenciados, ou mesmo temas já abordados, mas com novas fontes de pesquisa e abordagens. A partir desse novo modo de fazer e contextualizar a história, outros personagens aparecem, ou ainda, aqueles que não haviam sido pesquisados ou estudados mais detalhadamente. Assim, se obtém outros meios de ver e compreender essa nova história. Surgem então, novas perspectivas, fontes e objetos na pesquisa historiográfica e histórica (PORTO, 2018, p. 17).

Ao lidarmos com fontes digitalizadas, temos ainda a possibilidade de obtenção de grande vantagem com relação ao trabalho com as fontes físicas tradicionais: a depender da plataforma utilizada, torna-se viável realizar pesquisas com métodos mais ajustáveis e recortes temáticos mais amplos, inclusive combinando-os. O volume de dados processados e analisados pelas ferramentas de busca desses acervos é, por óbvio, incomparavelmente maior que o apresentado no ritmo de atuação dos pesquisadores, quando estes necessitam se debruçar sobre fontes impressas.

A democratização do acesso aos documentos, por si só extremamente impactante para o ofício do historiador e com especial importância no atual contexto de pandemia e distanciamento social, é acompanhada de outros significativos benefícios possibilitados pelas políticas de digitalização dos acervos documentais e históricos, quais sejam: o tratamento arquivístico necessário para a organização e apresentação desses itens ao público; a conservação física e a durabilidade material, tendo em vista a dramática redução no manuseio das fontes históricas originais; e a segurança propiciada pelo armazenamento documental mais controlado, pensando em termos de proteção do objeto como propriedade institucional e patrimônio sociocultural.

O sistema da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional permite a realização de consultas rápidas e sistematizadas, impactando o andamento da pesquisa por sua celeridade e completa flexibilidade, sem restrições de horário e localização para o pleno acesso aos arquivos disponibilizados. Embora possam apresentar pequenas falhas e lacunas na identificação e leitura dos termos apontados, tratamos de um instrumento de pesquisa capaz de filtrar em poucos segundos informações de uma década inteira, cabendo ao pesquisador que o utiliza a tarefa de ajustar a melhor metodologia para apreciar e selecionar com efetividade os documentos advindos da consulta previamente elaborada. No caso do acervo do Correio da Manhã, os documentos analisados estavam todos completos, legíveis e com qualidade de imagem satisfatória.



Justificando a pertinência do tipo de abordagem metodológica aqui proposta, temos a seguinte ponderação feita por Raquel Campos sobre o papel do historiador na condução de novas pesquisas, tendo ela mesma utilizado o acervo do Correio da Manhã como fonte primária: “O historiador isola e rearticula fragmentos do vivido, montando uma nova série inteligível de vestígios. Inaugura sua ação não apenas dando voz a materiais antes adormecidos, mas fazendo falar aquilo de que não se espera ouvir a voz” (CAMPOS, 2013, p. 1342). Outros trabalhos que promovem reflexões e revisões teóricas e abordam métodos e técnicas para a utilização da imprensa como fonte histórica são os artigos de Heloisa Cruz e Maria Peixoto (2007) e César Toledo e Skalinski Junior (2013).

Já a escolha do ano de 1920 como período de recorte do trabalho, por sua vez, se deu em virtude da concentração de eventos mais significativos para a temática síria. Foi nesse ano, por exemplo, em que se acentuaram as discussões acerca da partilha do antigo território do Império Turco-Otomano, além de ter sido o período em que os mandatos das potências europeias vencedoras da Primeira Guerra Mundial efetivamente começaram a ser exercidos. Foi também em 1920 que se registrou a reivindicação do território sírio pelo emir Faisal – mais tarde Faisal I do Iraque -, representante da família real do breve Reino do Hejaz, e a consequente disputa armada entre tropas francesas e forças leais a esse rei árabe. Por fim, o ano se insere num período de intensa migração sírio-libanesa para o Brasil, cuja reverberação, assim como o impasse aqui analisado, não escapava às páginas dos grandes jornais do país (CASTANHEIRA, 2015).

Com exceção dos trechos de artigos de opinião de colunistas do próprio jornal, todas as outras fontes aqui utilizadas são provenientes do serviço de correspondentes internacionais do Correio da Manhã, que, porventura, também podem ter sido replicadas em outros jornais brasileiros. Cabe ressaltar, ainda, que todas as transcrições feitas a seguir estão com suas grafias originais de publicação no periódico, preservando os registros também para possíveis estudos de Filologia.

Seguindo a ordem cronológica de publicação das notícias, declarações e crônicas no Correio da Manhã, apresenta-se a seguir o principal conteúdo trazido pelo jornal sobre a separação da Síria do império turco-otomano e sua posterior ocupação pelas forças armadas francesas.



## A disputa pelo território sírio nas páginas do Correio da Manhã

A primeira notícia selecionada neste recorte tem como título “Emir Feisal, rei da Syria” e vinha do jornal correspondente inglês *The Times*. A nota destacava a proclamação do novo rei, especulando as intenções dos sírios com esse movimento político e descrevendo as regiões do território. Nesses termos, o reino da Síria passaria a ser composto conforme se vê a seguir:

Londres, 12 – Informam do Cairo ao “Times” ter sido proclamado em Beyruth, rei da Syria o Emir Feisal.

Nova York, 12 – Um despacho retardado, vindo de Beyruth diz que o Congresso Syrio, reunido em Damasco, no dia 8 do corrente, declarou a independência da Syria. (...) Diz-se que o emir Feisal será coroado rei do novo paiz, no dia seguinte. Entre os Estados compreendidos no reino da Syria, estão a Palestina, o Libano e nordeste da Mesopotamia. Os arabes declararam a sua libertação, com o proposito claro de forçarem a conferencia da Paz, a reconhecer a sua independencia, com a ameaça de fazerem causa commum com os nacionalistas turcos, caso esta assembléa a isso se recuse. (...) Diz-se, porém, que elles, se acham dispostos a acceitar os conselheiros que lhes enviar a França (CORREIO DA MANHÃ, 17/03/1920, p. 1).

Nessa mesma edição, foram registrados mais detalhes da proclamação de independência síria, com menção à origem familiar do novo soberano:

Emir Feisal foi declarado rei, incluindo a Palestina dentro de seus dominios reaes. No pavilhão da Syria figura uma estrella de sete angulos, colocada em campo vermelho e a bandeira de Hedjaz. (...) Os emires Feisal e Zed\* (declarado regente da então Mesopotâmia, que corresponde ao atual Iraque) são o terceiro e o quarto filhos do rei Hussein, de Hedjaz. (...) O emir Feisal aceitou o reino da Syria, declarando que os seus serviços serão desinteressados (CORREIO DA MANHÃ, 17/03/1920, p. 2, grifo nosso).

Já no dia seguinte, era noticiado o convite feito ao rei Faisal para proceder com sua primeira participação junto à comunidade internacional, ocasião em que deveria explicar o processo de coroação ocorrido em seu país (CORREIO DA MANHÃ, 18/03/1920, p. 1). Uma pequena nota publicada no mesmo fim de semana, porém, informava que Inglaterra e França não o reconheciam como rei, segundo discurso proferido no parlamento pelo primeiro-ministro britânico Lloyd George (CORREIO DA MANHÃ, 20/03/1920, p. 1). Essa postura é reafirmada logo em seguida, com a declaração do general francês Henri Gouraud de que “são imutáveis as intenções da França” (CORREIO DA MANHÃ, 21/03/1920, p.1).



Dessa forma, o emir Faisal decide se posicionar publicamente contra os países que ocupavam territórios árabes, sendo veiculado que o então rei sírio:

declarou “boycottage” contra os países que ocupam territórios árabes, nominalmente a França e a Inglaterra. Foi nomeada uma comissão incumbida de estabelecer melhor entendimento entre os muçulmanos e os cristãos. O Congresso da Síria adotou uma resolução solicitando dos estrangeiros que deixem o país. (...) Por toda a parte, encontram-se cartazes patrióticos, incitando o sentimento nacional. O Congresso Sírio reuniu-se em Damasco, declarando a independência do país. Nessa proclamação de independência lê-se o seguinte tópico: “qualquer que seja a sua opinião, o Islam é irmão do Cristianismo e do Semitismo. Os árabes existiram antes de Moisés, de Cristo, e de Mahomet. A liberdade e a Independência são exclusivos direitos da Síria. A religião é de Deus e a pátria pertence a todos os seus filhos” (CORREIO DA MANHÃ, 24/03/1920, p. 4).

A situação política se deteriorou quando o emir intimou os franceses a deixar o território do reino da *Grande Síria* até o oito de abril seguinte (CORREIO DA MANHÃ, 27/03/1920, p. 4). Inglaterra e França, países destinatários das recentes mensagens públicas do rei, se manifestaram e “fizeram saber ao Emir Faisal que consideravam nulo o acto (...) que o proclamou rei da Síria. (...) a França não alimenta nenhuma intenção de conquista sobre a Síria e Cilícia: apenas quer ser nesses países a mandatária da Liga das Nações” (CORREIO DA MANHÃ, 30/03/1920, p. 1).

As pressões política e militar das potências europeias surtiram efeito, e o *príncipe* Faisal anunciou ter desistido da ideia de uma Síria independente (CORREIO DA MANHÃ, 06/04/1920, p.1). Anos antes, em 1916, os supracitados países haviam acertado a partilha do Oriente Médio após uma possível vitória na Primeira Guerra, num acordo secreto conhecido como *Sykes-Picot*. Dessa forma, não haveria espaço para a existência soberana e autônoma do reino sírio nos moldes declarados pelo emir Faisal. De acordo com a publicação francesa *Matin*, repercutida no jornal, já existia o acerto político que destacaria a Síria da Turquia, o que também se projetaria com outras destacadas regiões do antigo império, além da promessa de estabelecimento de uma constituição especial para os curdos (CORREIO DA MANHÃ, 17/04/1920, p. 1).

À altura de 20 de abril 1920, inclusive, a subordinação política já era tamanha que a França concedeu ao governo sírio uma autorização para que este pudesse utilizar sua recém-criada bandeira (CORREIO DA MANHÃ, 20/04/1920, p. 1), além de existir uma reivindicação grega sobre a Síria na *Conferência de San Remo* (CORREIO DA MANHÃ, 23/04/1920, p. 1).



Como resultado dessa reunião realizada na cidade italiana de Sanremo, o primeiro-ministro francês, Alexandre Millerand, confirmou junto à Câmara de Deputados local a atribuição da Síria ao comando da França, com a autorização de permanência dos turcos em Constantinopla, atual capital da Turquia e renomeada como Istambul (CORREIO DA MANHÃ, 29/04/1920, p. 1).

Cerca de um mês após a conferência na Itália, e mais de dois meses passados da proclamação feita em Damasco, era lido na Câmara dos Deputados do Brasil – com significativo atraso, face a mudança de panorama já ocorrida - um ofício sobre a declaração de independência da Síria:

Approvada a acta foi lido o expediente, entre cujos papeis se encontrava um officio, com data de 5 de abril ultimo do sr. Hachhim Atassy, presidente do Congresso Syrio, reunido em Damasco, enviando uma cópia – em francezz e arabe – da delibberação de 7 de março daquella assemblea, escolhendo o emir Feyçal, filho do rei Hasein, para rei constitucional da Syria, sob a denominação de sua majestade Feyçal I e proclamando a independencia de Irak e a sua alliança com a Syria (CORREIO DA MANHÃ, 22/05/1920, p. 2).

Dois dias após a repercussão do ofício apreciado no parlamento brasileiro, noticiou-se que, sob a chancela inglesa e prevendo a retirada de suas tropas da região, eram definidas as fronteiras entre os atuais Iraque e Síria, que seriam partes dos mandatos britânico e francês, respectivamente: “Annuncia-se oficialmente que o governo inglez celebrou com os representantes do governo arabe um accôrdo provisorio sobre as fronteiras entre a Mesopotamia e a Syria, por força do qual vão ser retiradas as tropas inglezas de Albukamal” (CORREIO DA MANHÃ, 24/05/1920, p. 1).

Quase um mês depois, o Correio da Manhã repercute um artigo produzido pelo escritor e deputado francês Maurice Barrés, no qual comenta sobre a situação do emir sírio e projeta perspectivas para a região, demonstrando a retórica nacionalista e imperialista vigente no comando político europeu da época:

O “Echo de Paris” publica hoje um artigo do sr. Maurice Barrés em que estuda a questão do mandato francez sobre a Syria. Nos seus comentarios o sr. Barrés affirma que o Emir Faysal não gosa de nenhuma soberania. “É simplesmente um general de tropas arabes que provisoriamente occupa uma parte da Syria, e nada mais”. Continuando, diz o escritor francês: “o mandato da França será exercido sobre o conjunto da Syria. A questão de limites do Libano será regulada exclusivamente pela França, de accordo com os seus interesses, como uma questão interna das regiões sobre as quaes ella estenderá a sua onfluencia”. E conclue: “abre-se agora uma éra nova, e todas as



difficultades estão em via de solução. A Comissão de Finanças, já propoz á Camara auxiliar a acção politica do general Gourand, abrindo para isso um credito de 185 milhões. Essa somma permittirá alcançar o nosso objectivo e limitar ao mesmo tempo as despesas militares” (CORREIO DA MANHÃ, 22/06/1920, p. 2).

A Câmara dos Deputados francesa volta a ser palco de discussões sobre a situação síria, dessa vez em defesa da política do país para a região, quando parlamentares justificavam que seus exércitos deveriam “demonstrar o dever da França de afirmar na Syria e em todo o Oriente os seus direitos. O sr. Noblemare justifica com o applauso de todo o auditorio, a acção militar franceza na Syria como sendo inteiramente conforme os interesses e a honra da França” (CORREIO DA MANHÃ, 26/06/1920, p. 1).

No dia seguinte, é publicada a continuação da discussão na Câmara da França sobre a presença do país na Síria. Vê-se a seguir uma importante argumentação sobre a necessidade dessa atuação:

No decorrer da discussão o sr. Millerand declarou que a França não tomará nestas operações senão a parte que lhe foi imposta pela sua situação na Syria e em Constantinopla. O chefe do gabinete declarou que, no seu entender, devia seguir-se na Syria uma politica mais diplomatica que militar. A França, continuou, deve exercer ali o seu mandato dentro dos limites que lhe traçou o pacto da Liga das Nações, e não pode abandonar aquelle paiz porque comprometteria a sua situação de potencia no Mediterraneo e negaria todas as tradições que a unem á Syria, não como inimigos, mas como colaboradores da Turquia; (...) Se a França abandonasse a Syria, concluiu o primeiro ministro, deixaria de attender aos seus caros interesses e ao seu dever mais sagrado (CORREIO DA MANHÃ, 27/06/1920, p. 1).

A retórica francesa de dominação e ocupação por um dito merecimento se repete em mais uma declaração do primeiro-ministro Alexandre Millerand, dessa vez publicada no periódico francês *Le Temps* e repercutida no Correio da Manhã, quando o governante afirmou que “a politica franceza na Syria não será a do canhão; o mandado francez naquella região é exatacamente comparavel ao da Inglaterra na Mesopotamia. (...) a França deve ter em Damasco e Alep a mesma liberdade de acção que a Inglaterra tem em Bagdad e Mosul” (CORREIO DA MANHÃ, 29/06/1920, p. 1).

Organizou-se, então, uma conferência na cidade síria de Aleppo para a definição dos limites físicos do país. A cúpula foi realizada com a participação do emir Faisal e de representantes “dos arabes, dos francezes e dos nacionalistas turcos” (CORREIO DA MANHÃ, 01/07/1920, p. 1). A tensão da situação política se acentuou, porém, com o desembarque de



doze mil soldados franceses em Iskenderun – localizada na atual província turca de Hatay e tratada na notícia por sua antiga nomenclatura, Alexandreta -, às margens do Mar Mediterrâneo e próxima à fronteira entre as atuais Turquia e Síria (CORREIO DA MANHÃ, 09/07/1920, p. 4).

Toda essa tensão se converteu em conflitos nas ruas da região em disputa, conforme relatado a seguir: “A Palestina, a Syria, a Cicilia, a Anatolia e a Turquia estão em verdadeira effervescencia religiosa, e os mahometanos estão massacrando e deportando os gregos, os armenios e os christãos, repellindo-os onde quer que se encontrem bastante fortes para fazel-o” (CORREIO DA MANHÃ, 19/07/1920, p. 1). Enquanto isso, ocorria uma suposta negociação secreta entre a Assembleia Legislativa do Líbano e o emir Faisal, a fim de garantir a autonomia libanesa dentro do reino sírio (CORREIO DA MANHÃ, 20/07/1920, p. 1).

A determinação francesa em dominar essa parte do antigo império Turco-Otomano se manifestava também em veículos de imprensa do país europeu, como fica exposto nos comentários feitos no Correio da Manhã a partir do que foi publicado em um dos periódicos franceses: “O ‘Journal’ é da opinião que nada póde impedir a França de repellir as provocações do Emir Faisal como ellas merecem” (CORREIO DA MANHÃ, 21/07/1920, p. 1).

Na mesma edição, há a republicação de duras ponderações feitas pelo governante francês sobre o papel de seu país no conflito. Tais falas de Alexandre Millerand acabarão causando indignação em outra crônica exibida no Correio da Manhã, conforme será visto mais adiante. Por ora, ficaremos com a referida declaração do então primeiro-ministro francês:

Falando depois da questão do Oriente o chefe do governo declarou que o Tratado de Paz com a Turquia tinha sido mantido porque era absolutamente impossivel deixar alguns milhões de habitantes debaixo do domínio da Turquia que traiu os governos amigos que a ampararam e lhe deram todo o apoio mais de cincoenta annos. A respeito do mandato da França sobre a Syria o sr. Millerand annunciou que o governo britannico havia declarado que somente á França incumbia a tarefa de garantir a independencia das populações e organizar o mandato de accôrdo com as autoridades indigenas, cuja investidura lhes será conferida unicamente pelo governo francez” (CORREIO DA MANHÃ, 21/07/1920, p. 1).

Apesar de o emir Faisal ter sugerido aceitar as condições impostas no ultimato do comandante das tropas francesas na Síria, os jornais franceses indicavam que sua queda poderia ser meramente uma questão de tempo:



Está confirmada a noticia de haver o emir Faysal aceitado as condições impostas no ‘ultimatum’ que lhe dirigiu o general Gourand, commandante das forças francezas na Syria. Tratando hoje da questão do Oriente, os jornaes dizem que se o emir Faisal faltasse aos compromissos que assumiu, teria immediatamente o devido castigo. (...) Embora se veja forçada a uma acção energica, a França está decidida a manter-se estrictamente dentro dos limites do seu mandato, que tem por fim promover o livre desenvolvimento da Syria na paz. O ‘Matin’ diz que a tomada de Damasco e Alep é esperada por estes dias e o ‘Petit Perisien’ salienta que se o emir Faisal capitular, a questão será rapidamente resolvida sem effusão de sangue e espera que Faisal comprehenderá, principalmente depois das declarações do ministro britannico sr. Bonar Law, na Camara dos Communs, que a unica maneira que tem de conversar o que possue, é ser sincero e agir sempre de inteiro accôrdo com a França (CORREIO DA MANHÃ, 23/07/1920, p. 1).

As condições impostas nesse ultimato dado ao rei sírio são listadas na edição seguinte do jornal. Abaixo temos a ilustração dessas demandas:

São as seguintes as condições do “ultimatum” apresentado pelo general Gouraud ao emir Faisal: reconhecimento do mandado francez sobre a Syria; livre utilização das estradas de ferro de Rayal e Alep e ocupação dessa ultima cidade; abolição do recrutamento forçado; redução das tropas arabes aos effectivos existentes a 1 de dezembro de 1919; livre circulação para o padrão monetário syrio. A proclamação publicada pelo general commandante das forças francezas na Syria, em seguida ao “ultimatum”, declara que não será tolerado nenhum attentado contra os francezes ou contra os christãos de qualquer nacionalidade (CORREIO DA MANHÃ, 24/07/1920, p. 1).

Entretanto, em notícia posicionada logo abaixo dessa lista de exigências, é relatado o início da marcha do exército francês sobre Damasco e Aleppo, como observamos a seguir: “Devido a não ter o emir Faisal começado a dar execução aos termos do ‘ultimatum’, as tropas francezas iniciaram na quarta-feira passada a sua marcha sobre Damasco e Aleppo. Nenhuma resistencia foi opposta ao avanço dos francezes” (CORREIO DA MANHÃ, 24/07/1920, p. 1).

Em seguida, Assis Chateaubriand, jornalista e político que no futuro se tornaria magnata das comunicações brasileiras, aborda em uma de suas crônicas como a Síria se tornou um prêmio para a França, que também obteve, em desfavor dos ingleses, um quarto da bacia petrolífera da cidade de Mossul (CORREIO DA MANHÃ, 25/07/1920, p. 2).

Em um dos melhores e mais interessantes exemplos aqui transcritos, temos a seguir as impressões publicadas em jornais parisienses sobre a resolução da chamada “questão síria”:

Commentando a retirada do exercito do Emir Faisal e a entrada das tropas francezas em Damasco, os jornaes parisienses lastimam que a questão Syria não se tenha resolvido pacificamente. A proposito salientam que as disposições do governo foram motivadas pela attitude agressiva de Faisal, que



reunia por um lado as suas tropas deante de Damasco, enquanto por outro fazia ataques injustificados contra os francezes, sendo indiscutivel que o general Gouraud não podia deixar impunes esses actos de franca hostilidade. Alguns jornaes observam que era impossivel ao commandante geral das forças francezas esperar o ataque desse verdadeiro exercicio que Faisal preparava, e ao mesmo tempo a prudencia lhe aconselhava a prevenir-se contra qualquer suspeita. “Já se póde affirmar, diz o Petit Parisien, que em um dia a força militar de Faisal foi destruida, e hoje nada mais se oppõe ao exercicio pacifico do nosso mandato sobre a Syria. Só falta agora expurgar Damasco do bando de beduínos estrangeiros, ‘hadjazenses’ e mesopotamios, que compõem o sequito ordinario de Faisal, e fazer appello ás notabilidades verdadeiramente indigenas, que estão legitimamente designadas para collaborar connosco na administração do paiz”. Por sua vez, o “Matin” mostra-se convencido de que o general Gouraud fará saber ás populações que o combate dado ás forças do Emir Faisal teve por fim pacificar o paiz, sem que entrasse absolutamente nesse acto qualquer pensamento de hostilidade contra o povo arabe.

- Paris, 26 – Communicam de Beyruth: “Apesar da suspensão, a pedido do Emir Faisal, da marcha das tropas francezas sobre Damasco, tropas regulares do ‘sheriff’ atacaram as forças francezas que guardam a estrada que vae de Homs a Tripoli. A columna franceza do sul desalojou então as forças do ‘sheriff’ que occupavam as alturas da região de Damasco. O inimigo fugiu abandonando toda a artilharia e consideravel material de guerra, além de grande numero de mortos, entre elles o proprio ministro da Guerra do governo ‘sheriffiano’. As autoridades de Damasco acabaram de anunciar que não ficariam na cidade, a qual, neste momento, já deve estar occupada pelos francezes” (CORREIO DA MANHÃ, 27/07/1920, p.1).

Em rápido avanço das posições francesas no fim do mês de julho, a manchete do Correio da Manhã traz o emir Faisal intimado pelas tropas francesas a deixar o território sírio, abordando também a situação de caos vivenciada na região:

Paris, 28 - Telegrapham de Beyruth, em data de 26: “As tropas francezas entraram hontem em Damasco. O novo governo cherifiano accitou as condições apresentadas pelo general Gouraud, entre as quaes figuram, em primeiro lugar, o desarmamento immediato dos naturaes do paiz e a abolição do reinado do Emir Faysal, que foi convidado a deixar o paiz. Aleppo foi occupada pelos francezes no dia 23”

(...) Beyruth (Syria), 28 (...) O rei Faysal foi intimado a deixar o paiz. Constantinopla, 28 – É ainda em absoluto confusa a situação dominante na Syria, como consequencia da recusa dos arabes de permitir a participação dos francezes na direcção do paiz. Os francezes mandaram um reforço de 7.000 senegaleses para Adana. Estando sem alimentos a cidade, a commissão norte-americana de soccorro está tentando abastecer-a de farinha.

(...) Beyruth, 28, - (...) Comquanto tivessem effectuado uma marcha de 25 kilometros logo no dia seguinte ao do combate, as tropas desfilaram pelas ruas de Damasco na mais perfeita ordem, por entre o respeito da multidão que se



apinhava para as ver passar, e acamparam junto aos muros da cidade. Sem que se registrasse o menor incidente, as tropas ocuparam a estação da estrada de ferro e os edificios públicos. O governo que foi constituído após a derrota do regimen do ‘Scheriff’ apresentou-se ao general Goybet, que o poz ao corrente das seguintes condições, impostas pelo general Gouraud: 1<sup>a</sup> – cessação do reinado de Faysal; 2<sup>a</sup> – contribuição de guerra no valor de dez milhões, destinados á reparação dos prejuizos causados pela guerra; 3<sup>a</sup> – desarmamento geral, immediato, redução do exercito e sua transformação em forma de policia; 4<sup>a</sup> – entrega de todo o material de guerra ás autoridades francezas e processo judicial perante os tribunales militares contra os principaes culpados. O governo aceitou todas essas condições e affirmou o desejo sincero de colaborar com lealdade ao lado das autoridades francezas. Abandonado por toda a população, o Emir Faysal foi convidado a deixar o paiz em companhia da familia (CORREIO DA MANHÃ, 29/07/1920, p. 1).

No excerto a seguir, temos a justificativa oficial, dada à Câmara dos Deputados de seu país, do primeiro-ministro Alexandre Millerand para as políticas do governo francês na Síria, acompanhada do resultado da votação com a deliberação do parlamento sobre tais medidas:

Em resposta aos diversos oradores que participaram dos debates e que demonstraram uma certa inquietação a proposito da presente acção militar da França naquela região, o chefe do governo declarou que a politica franceza na Syria não é uma politica de dominio, e sim de liberdade e independencia. O governo prefere, em qualquer emergencia, a diplomacia á guerra, mas o que não é possível á França é deixar de fazer respeitar os seus direitos e interesses. E para isso tem necessidade de força.

O sr. Millerand (...) diz esperar que o Senado se associará ás felicitações que o governo telegraphou ao general Gouraud e certamente nestas condições não desejará que a primeira noticia, que esse general receba dos poderes publicos, após as felicitações, seja a redução dos créditos de que tem necessidade e que reclama com insistencia para levar a bom termo a tarefa que o paiz lhe confiou. Depois das palavras do sr. Millerand, o Senado approvou, por 209 votos contra 84, a politica do governo com relação á Syria (CORREIO DA MANHÃ, 30/07/1920, p. 1).

À altura do quinto dia de agosto de 1920, o colunista Reginald Gerard mostra-se indignado com a declaração de Alexandre Millerand junto ao parlamento, quando da defesa das ações francesas na Síria, publicada pelo jornal em 21/07/1920 e transcrita anteriormente neste artigo. Seguem a seguir as palavras do colunista em sua análise sobre o discurso do político francês: “sómente á França incubia a tarefa de garantir a independência da Syria, Bellas palavras e bella tarefa! Mas não teria sido melhor que a Syria mesmo tivesse incumbido a França da defesa dos seus interesses? Ella não o fez – e (...) era a unica que podia fazer” (CORREIO DA MANHÃ, 05/08/1920, p. 2).



Alguns dias depois dessa crítica, o pai do rei Faisal - emir Hussein, xerife de Meca e Rei de Hejaz (região atualmente integrante da Arábia Saudita) - envia telegrama à Liga das Nações, com o objetivo de que a organização interceda junto à França e liberte deputados libaneses que se encontravam presos (CORREIO DA MANHÃ, 08/08/1920, p. 1).

Após mais de dois meses sem novidades relevantes para a política na região, desde que a posição francesa foi endossada pelo parlamento do país, foi noticiada a independência libanesa, com detalhes a seguir:

Paris, 4 – Communicam de Beyruth: ‘Em presença de uma multidão imensa e entusiasta, vinda de todos os pontos do novo territorio para manifestar o seu reconhecimento á França e o seu affecto á nova patria libaneza, o general Gouraud proclamou no dia 1º do corrente a independencia do Grande Libano. (...) Beyruth fica sendo a séde do governo e terá a mais ampla autonomia administrativa, mas em ligação directa com o chefe do Estado Libanez. (...) Quanto ao pavilhão nacional albanez terá elle as mesmas côres francezas e ostentará, como emblema, um grande cedro na parte branca (CORREIO DA MANHÃ, 05/09/1920, p. 1).

Nesse ínterim, outro colunista do Correio da Manhã se manifesta sobre a ocupação francesa. É a vez de Augusto Shaw comentar a invasão que a França promoveu na Síria: “Á Syria o governo francez enviou o general Gouraud, para depor o emyr Fayçal e occupar, á força, Damasco, Alep, etc. E isso tudo foi realizado sem que a Inglaterra tivesse tido conhecimento” (CORREIO DA MANHÃ, 09/10/1920, p. 2).

Cerca de nove semanas após a declaração de independência libanesa, há uma atualização sobre a situação na Síria: “Os telegrammas do general Gouraud assignalam que a situação na Syria é excelente. As municipalidades e a população porfiavam em lhe dar provas repetidas de estima e de respeito e collocavam-se sob a protecção da bandeira franceza” (CORREIO DA MANHÃ, 13/10/1920, p. 1).

O mencionado general Henri Gouraud também seria responsável por outras falas de relevo, como as seguintes considerações feitas: ao abordar a condução do mandato francês na Síria, “dizia que o mandato francez sobre aquella região era um beneficio, pois representava a introdução, na administração local, da liberdade, da paz, e do espirito de justiça e honestidade” (CORREIO DA MANHÃ, 11/11/1920, p. 1), e ao falar sobre as despesas que a ocupação gerava ao erário francês, argumentava que “depois do combate de Damasco, que libertou o paiz do jugo do Emir Faysal, a situação na Syria tornou-se excellente” (CORREIO DA MANHÃ, 22/11/1920, p. 1).



Augusto Shaw, por sua vez, volta a comentar sobre o que ocorreu na Síria nos últimos meses, novamente afirmando que a ação francesa na Síria ocorreu sem o consentimento britânico, em coluna de título “O desaccordo franco-britannico”, ao denunciar que “sem o conhecimento do governo inglez, o general Gouraud é enviado á Syria e desaloja violentamente o emyr Faiçal, creatura da Inglaterra - Paris, novembro de 1920” (CORREIO DA MANHÃ, 11/12/1920, p. 2).

Por fim, após a tomada da capital síria pela França, juntamente com o final do conflito majoritário na Grande Síria, também foram se encerrando as notícias trazidas sobre a região pelo Correio da Manhã. Dessa forma, os constantes informes que abordavam os conflitos militares e as negociações políticas na Síria se converteram em raros e espaçados comentários, estes destinados a atualizar os leitores cariocas sobre a situação e como se encaminhava a gestão francesa no local, situação verificada nos poucos trechos aqui destacados com datas a partir de agosto de 1920.

### **Considerações finais**

Compreender a origem e os detalhes de episódios de grande relevo social, no presente caso a partir de fontes contemporâneas aos fatos aqui estudados e transcritos, também auxilia o historiador a buscar a raiz de conflitos e cenários políticos que perduram até os dias atuais. Um exemplo dessa dinâmica para a esfera síria se encontra no trabalho de pesquisa feita por Daniela Zapata de Oliveira (2016), onde investiga as variáveis sociopolíticas que possibilitaram a recente ascensão do grupo terrorista do autointitulado *Estado Islâmico* na região objeto deste artigo.

Embora dispusesse de um serviço de correspondência que repercutia informes vindos de Beirute e de Damasco, a quase totalidade dos veículos de notícias que serviam de fontes para o Correio da Manhã, e que abordavam as questões sírias aqui veiculadas, se localizavam nas capitais das principais potências políticas ocidentais, em cidades como Londres, Paris e Nova York.

Tais jornais e agências de notícias empregavam, invariavelmente, maior ênfase e reproduziam com maior frequência o discurso político vigente em seus locais de atuação, ou seja, dos representantes europeus, sendo possível notar um viés retórico inclinado a discursos que consideravam a Europa como portadora da palavra final nas disputas, com certa infalibilidade. A abordagem verificada quando a questão se tornava pauta de crônicas e artigos



de opinião próprios do jornal carioca, entretanto, se mostrava mais crítica e contestadora em relação à postura europeia, por vezes deslegitimando-a.

Nesse sentido, a cobertura promovida pelo Correio da Manhã e seus correspondentes internacionais foi importante para assimilar, mesmo que em linhas gerais, de que maneira o conflito mundial ocorrido entre 1914 e 1918 afetou o equilíbrio de forças políticas e econômicas do Oriente Médio, em especial na Síria, como consequência direta do rearranjo da ordem internacional no contexto das negociações do pós-Primeira Guerra Mundial.

### Fontes

- CORREIO DA MANHÃ. Rio de Janeiro. 17 mar. 1920.  
CORREIO DA MANHÃ. Rio de Janeiro. 18 mar. 1920.  
CORREIO DA MANHÃ. Rio de Janeiro. 20 mar. 1920.  
CORREIO DA MANHÃ. Rio de Janeiro. 21 mar. 1920.  
CORREIO DA MANHÃ. Rio de Janeiro. 24 mar. 1920.  
CORREIO DA MANHÃ. Rio de Janeiro. 27 mar. 1920.  
CORREIO DA MANHÃ. Rio de Janeiro. 30 mar. 1920.  
CORREIO DA MANHÃ. Rio de Janeiro. 06 abr. 1920.  
CORREIO DA MANHÃ. Rio de Janeiro. 17 abr. 1920.  
CORREIO DA MANHÃ. Rio de Janeiro. 20 abr. 1920.  
CORREIO DA MANHÃ. Rio de Janeiro. 23 abr. 1920.  
CORREIO DA MANHÃ. Rio de Janeiro. 29 abr. 1920.  
CORREIO DA MANHÃ. Rio de Janeiro. 22 mai. 1920.  
CORREIO DA MANHÃ. Rio de Janeiro. 24 mai. 1920.  
CORREIO DA MANHÃ. Rio de Janeiro. 22 jun. 1920.  
CORREIO DA MANHÃ. Rio de Janeiro. 26 jun. 1920.  
CORREIO DA MANHÃ. Rio de Janeiro. 27 jun. 1920.  
CORREIO DA MANHÃ. Rio de Janeiro. 29 jun. 1920.



CORREIO DA MANHÃ. Rio de Janeiro. 01 jul. 1920.  
CORREIO DA MANHÃ. Rio de Janeiro. 09 jul. 1920.  
CORREIO DA MANHÃ. Rio de Janeiro. 19 jul. 1920.  
CORREIO DA MANHÃ. Rio de Janeiro. 20 jul. 1920.  
CORREIO DA MANHÃ. Rio de Janeiro. 21 jul. 1920.  
CORREIO DA MANHÃ. Rio de Janeiro. 23 jul. 1920.  
CORREIO DA MANHÃ. Rio de Janeiro. 24 jul. 1920.  
CORREIO DA MANHÃ. Rio de Janeiro. 25 jul. 1920.  
CORREIO DA MANHÃ. Rio de Janeiro. 27 jul. 1920.  
CORREIO DA MANHÃ. Rio de Janeiro. 29 jul. 1920.  
CORREIO DA MANHÃ. Rio de Janeiro. 30 jul. 1920.  
CORREIO DA MANHÃ. Rio de Janeiro. 05 ago. 1920.  
CORREIO DA MANHÃ. Rio de Janeiro. 08 ago. 1920.  
CORREIO DA MANHÃ. Rio de Janeiro. 05 set. 1920.  
CORREIO DA MANHÃ. Rio de Janeiro. 09 out. 1920.  
CORREIO DA MANHÃ. Rio de Janeiro. 13 out. 1920.  
CORREIO DA MANHÃ. Rio de Janeiro. 11 nov. 1920.  
CORREIO DA MANHÃ. Rio de Janeiro. 22 nov. 1920.  
CORREIO DA MANHÃ. Rio de Janeiro. 11 dez. 1920.

### Referências

CAMPOS, Raquel Discini de. Floriano de Lemos no Correio da Manhã, 1906-1965. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 20, supl. 1, p. 1333-1352, 2013. Disponível em: <[https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-59702013000501333&script=sci\\_arttext](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-59702013000501333&script=sci_arttext)>. Acesso em: 02 out. 2020.

CASTANHEIRA, Erika Chermont. Dos estereótipos dos imigrantes na grande imprensa à expulsão dos indesejáveis: aspectos da imigração sírio-libanesa para o Brasil (1920-1929). **Revista de trabalhos acadêmicos - Campus Niterói**, Niterói, fev. 2015. Disponível em: <http://revista.universo.edu.br/index.php?journal=1reta2&page=article&op=view&path%5B%5D=1756&path%5B%5D=1174>. Acesso em: 04 out. 2020.



CHAMMAS, Eduardo Zayat. **A ditadura militar e a grande imprensa: os editoriais do Jornal do Brasil e do Correio da Manhã entre 1964 e 1968**. Dissertação (Mestrado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. Disponível em: <<https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-13122012-101040/pt-br.php>>. Acesso em: 25 set. 2020.

CRUZ, Heloisa; PEIXOTO, Maria do Rosário. Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa. **Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, v. 35, p. 255 – 272, São Paulo, 2007. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/2221/1322>>. Acesso em: 18 dez. 2020.

OLIVEIRA, Daniela Zapata de. **Estado islâmico e a intervenção no Oriente Médio: os casos de Iraque e Síria**. Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado em Relações Internacionais) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2016. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/166121#>>. Acesso em: 04 out. 2020.

PORTO, Carla Lisboa. **A mulher malandra e a popular nas percepções de Ismael Silva e do jornal Correio da manhã (1930 – 1935)**. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Assis, 2008. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/93422>>. Acesso em: 05 out. 2020.

TEODORO, Laura Máximo; NEIVA, Renata Maria de Oliveira. Envelhecimento no Correio da Manhã: de 1920 a 1960. **Anagrama**, São Paulo, v. 9, n. 2, p. 1-16, 2015. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/anagrama/article/view/100239>>. Acesso em: 21 dez. 2020.

TOLEDO, César. de Alencar Arnaut de; SKALINSKI JUNIOR, Oiomar. A imprensa periódica como fonte para a história da educação: teoria e método. **Revista HISTEDBR on-line**, Campinas, v. 12, n. 48, p.255–268, 2013. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8640020>>. Acesso em: 20 dez. 2020.

ZAHREDDINE, Danny. A crise na Síria (2011-2013): uma análise multifatorial. **Conjuntura Austral**, Porto Alegre, RS, v. 4, n. 20, p. 6-23, nov. 2013. Disponível em: <<https://www.seer.ufrgs.br/ConjunturaAustral/article/view/43387/27333>>. Acesso em: 06 out. 2020.